

JOVENS, MORADIA E REPRODUÇÃO SOCIAL: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos

Parry Scott e Mónica Franch

Resumo

Tomando como fio condutor a inscrição espacial de determinadas práticas sociais, o artigo discute dinâmicas dos processos de aquisição de habilidades e conhecimentos pelos jovens da Região Metropolitana do Recife. As fontes utilizadas para a discussão são: estatísticas demográficas, trabalhos sociológicos e antropológicos sobre famílias e jovens no Grande Recife, bem como resultados de pesquisas etnográficas realizadas pelos autores e as equipes que com eles trabalham. Maior ênfase é dada à situação dos jovens das classes populares, embora a comparação com jovens de outras origens sociais tenha sido o recurso metodológico básico para evidenciar singularidades nesse grupo. Após uma breve incursão pela literatura sobre juventude, o artigo situa os jovens recifenses nos contextos regional e nacional, mostrando seu peso relativo na população, os fluxos migratórios e sua situação de trabalho e de emprego. Em seguida, discute como as diferenças de gênero e de classe se relacionam com diversos estilos de formação de habilidades para a passagem de patrimônios materiais e simbólicos, e com lógicas de sociabilidade desenvolvidas de forma diferencial no espaço da casa e do bairro. A conclusão aponta cinco campos de interseção que articulam o processo de aquisição de habilidades e conhecimentos entre os jovens: família, gênero, estudo/trabalho, recreação/segurança e parentesco/individualização.

Palavras-chave

Reprodução social. Juventude. Moradia. Conhecimento. Classes populares.

YOUTH, HOUSING AND SOCIAL REPRODUCTION: domestic and spatial processes in the acquisition of skills and knowledge

Abstract

This work discusses how specific social practices in different spatial contexts relate to the dynamics of processes by which youth from the Recife Metropolitan Region acquire skills and knowledge. The data and literature discussed include: demographic statistics, sociological and anthropological studies of Greater Recife youth and families, and the results of ethnographic research undertaken by the authors and members of their research teams. Emphasis is upon the situation of urban "popular" classes, using comparisons with youth from other social origins in order to highlight the singularity of these urban "popular" groups. After a brief review of the literature on youth, this work places Recife's youth in regional and national contexts, presenting their relative importance in the total population, migratory flows and data on work and employment. The discussion then deals with gender and class differences and their relation to different styles of gaining skills and their implications for the transmission of material and symbolic patrimonies as well as with different ways of developing the logic of sociability in home and neighborhood spaces. The conclusion identifies five fields of intersection wherein the process of acquiring skills and knowledge occur for the young: family, gender, study/work, recreation/security and kinship/individualization,

Keywords

Social reproduction. Youth. Housing. Knowledge. Server classes.

A moradia é um espaço de articulação de diversos processos sociais. Ao focar a vivência cotidiana de jovens urbanos que estão adquirindo intensivamente habilidades e conhecimentos, esta questão se torna particularmente importante. Locus privilegiado da socialização familiar, o espaço da moradia é chave para o desvendamento dos valores do grupo, para o desenvolvimento de práticas de sociabilidade e para a aprendizagem de hábitos que fazem parte integrada da reprodução da vida social. Neste trabalho, pretende-se discorrer sobre algumas das dinâmicas espaciais presentes no processo de desenvolvimento de habilidades e conhecimentos por jovens da Região Metropolitana do Recife, fazendo-se uso de diversas fontes: dados demográficos do tipo estatístico, trabalhos sociológicos e antropológicos sobre famílias e jovens no Grande Recife, bem como resultados de pesquisas etnográficas realizadas pelos próprios autores e as equipes que com

eles trabalham¹. Mesmo se tratando de fontes diversas que abrangem, com diversos recortes, várias parcelas da juventude, estaremos dando especial ênfase à situação de moradia e processos domésticos dos jovens das classes populares, pois é junto a esse grupo social (entendido de forma ampla) que se concentra boa parte do nosso material etnográfico com jovens.

A escolha temática é, em parte, motivada pela relevância social que a questão da juventude tem adquirido na última década no Brasil. Prova disso são as frequentes aparições de jovens na mídia (como objeto de consumo mas também como elemento perturbador da ordem familiar e social), sua paulatina inclusão nas políticas públicas (programas de primeiro emprego e de profissionalização, por exemplo), bem como na agenda das agências de cooperação e das organizações não governamentais.

No campo das ciências sociais, especificamente, os estudos sobre juventude experimentaram um forte revigoramento a partir dos anos 1990, atestado pelo aumento do número de livros, publicações em periódicos, teses e dissertações, encontros e fóruns de pesquisa sobre o assunto. Grande parte desses estudos tem incidido sobre o grupo social objeto deste trabalho – o dos jovens pobres, da "periferia", das classes populares dos grandes centros urbanos brasileiros.² Outra característica da recente produção sobre juventude em ciências sociais é a maior participação dos antropólogos, o que constitui um fato novo, uma vez que os estudos sobre juventude foram majoritariamente desenvolvidos por sociólogos, tanto nacional como internacionalmente.³

¹ As pesquisas etnográficas dos autores que servem de base para as discussões são basicamente três: o trabalho do Scott em Coelhoos (1990), Santa Luzia (1986) e Ibura (1996, 2002); a pesquisa de mestrado de Franch (2000, 2002a, 2002b) sobre jovens e tempo livre numa favela do Recife; e o projeto internacional "Os Jovens e a Cidade: habilidades, conhecimento e reprodução social", realizado em parceria entre o PPGA-UFPE e o Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague. Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Seminário "Os Jovens e a Cidade: educação, moradia e mídia", que aconteceu no mês de março de 2002 no marco do referido projeto.

² Sobre a retomada do interesse na juventude ver, entre outros, Abramo (1997), Abramo et al. (2000) e Alvim (2002).

³ Com essa afirmação, não pretendemos negar a importante contribuição de antropólogos como Margaret Mead, que realizou sua pesquisa sobre adolescentes samoanas em 1928 (*Coming of age in Samoa*). No Brasil, é preciso destacar a contribuição de Gilberto Velho na realização, organização e orientação de trabalhos sobre essa temática nas décadas de 1970 e 1980. Entretanto, é inegável que não se consolidou uma "antropologia da juventude" nos moldes em que se pode falar da "sociologia da juventude" (WULFF, 1995; FRITH, 1984; FEIXA, 1998).

Nosso foco em jovens das classes populares a partir do seu local de moradia procura dar relevo à relação desses atores com várias esferas do tecido social (família, vizinhança, instituições locais e supralocais, etc.), evitando-se o risco de mostrar esse grupo apenas a partir da sua vivência de geração, como acontece frequentemente em trabalhos sociológicos sobre culturas ou movimentos juvenis.

De outro lado, estudos etnográficos sobre jovens das classes populares contribuem para a compreensão da diversidade de significados que a juventude detém e da pluralidade de contextos em que ela se desenvolve. Evidenciar a diversidade, contribuir para a construção de um conceito de juventude no plural é um empenho reivindicado por vários autores, com o qual este trabalho se alinha (PAIS, 1993; ALVIM, 2000; BOURDIEU, 1983; CASTRO, 2002). Nesse contexto, realçar a importância da moradia termina sendo um recurso metodológico e temático que favorece a própria percepção etnográfica e a sua capacidade de articular e mediar numerosos processos sociais que historicamente têm sido identificados com a juventude.

Para jovens de classes populares, os processos de reprodução social estão fortemente associados à aquisição de habilidades e conhecimentos, bem como à estreita relação que existe entre essa aquisição e sua localização nos âmbitos doméstico e comunitário. A moradia marca uma mediação entre uma multiplicidade de processos sociais que se apresentam com força particular para as gerações jovens. Neste trabalho, enfocamos um segmento específico dos jovens brasileiros, residentes de classes populares, identificando-os no contexto nacional e urbano, apontando as diferenças de gênero, realçando a sociabilidade que se manifesta na confluência de processos domésticos associados sobretudo à formação de famílias e processos espaciais associados às características físicas e sociais dos contornos do local da moradia. As diferentes formas de sociabilidade juvenis são descritas em relação à construção de patrimônio, ao uso do tempo livre, ao trabalho, à instrução formal e à participação em atividades especializadas de capacitação.

Antes de iniciar este percurso, é preciso sublinhar e reiterar alguns pressupostos e orientações que permeiam o trabalho. Primeiro, a opção por classes urbanas populares, além de ser consoante com a tendência de estudos na área e permitir situar localmente o objeto, é necessariamente comparativa e contrastiva, pois é em relação às camadas médias que se torna mais compreensível a situação deste grupo específico.

Segundo, não há nenhuma intenção de circunscrever a juventude a nenhuma faixa etária ou processo biológico ou cognitivo concreto e imóvel. Considera-se

fundamental que se entenda a juventude como uma construção social que se realiza em tomo de lutas e práticas específicas que fazem com que as pessoas costumem ter este termo como auto-referência e sejam reconhecidas por outros como pertencentes a essa categoria também. Mesmo assim, quando essas referências identitárias não são diretamente disponíveis, e se queira apresentar dados estatísticos sistematizados, adotaremos o critério cronológico (de 15 a 25 anos) que é hoje uma convenção entre muitos estudiosos da juventude.

Terceiro, é preciso deixar claro que a aquisição de habilidades e conhecimentos é entendida aqui no âmbito da cultura, como a aprendizagem de um amplo leque de habilidades para a vida prática, incluindo as técnicas profissionais, mas também diversas outras competências que permitem ao jovem relacionar-se com outras pessoas em sociedade, apropriar-se do espaço da cidade, compreender e interferir no mundo em que vive e, por fim, ir atrás dos seus objetivos, quaisquer que sejam. Essas competências são adquiridas tanto em instituições formais de ensino (escolas, cursos de profissionalização, ONGs, etc.) como em instâncias informais (na família, com grupos de amigos/as, com o/a namorado/a, com vizinhos/as, etc.) que têm diferentes inscrições espaciais. Embora, nas ciências sociais, essas questões tenham sido usualmente tematizadas a partir do conceito de socialização, não se pode perder de vista que os jovens são também agentes ativos nesse processo (WULFF, 1995).

1 Situando a questão: os estudos sobre juventude nas ciências sociais

Os primeiros estudos sobre juventude na área das ciências sociais remontam ao final da década de 1920, quando foram publicados a hoje clássica etnografia de Margaret Mead *Coming of age in Samoa* (primeira edição em 1928) e o pioneiro estudo sobre galeras juvenis de Friederick Thrasher, intitulado *The gang: a study of 1313 gangs in Chicago* (em 1926). A Escola de Chicago, principalmente, dedicaria boa parte dos seus esforços a tentar compreender o fenômeno das galeras e da delinqüência juvenil, que fazia parte das preocupações sociais mais prementes no cenário multiétnico daquela cidade.⁴ A partir dos anos 1940 e 1950, com o

⁴ Outros autores da Escola de Chicago que pesquisaram os jovens desde a perspectiva do desvio e da delinqüência foram William Foote Whyte (*Street corner society*, publicado em 1943) e A. Cohen (*Delinquent boys*, 1956). Para maiores informações sobre o assunto, ver Abramo (1994), Feixa (1998), Frith (1984) e Martin Criado (1998).

auge das interpretações funcionalistas da cultura, os interesses se deslocam para o universo das *high schools* e para os mecanismos de integração social dos jovens.' Mas é nas décadas de 1960 e 1970 que a questão da juventude emerge com toda sua força, atrelada aos diversos movimentos de contracultura na Europa e nos Estados Unidos. Um dos núcleos irradiadores de pesquisas e conceitos foi o *Center for Contemporary Studies (CCS)* da Universidade de Birmingham, que voltou sua atenção para as "subculturas juvenis" (teds, mods, skinheads, etc., entendidas como subculturas em relação à cultura de classe), muitas das quais surgiam nos bairros operários."

A publicação, em 1978, da entrevista em que Pierre Bourdieu afirmava que "a juventude é apenas uma palavra" (BOURDIEU, 1983) trouxe um salto qualitativo nas pesquisas sobre jovens nas ciências sociais, introduzindo a dimensão do poder, da manipulação e relativizando o conceito de juventude. Centro de Sociologia da Educação e da Cultura (CSEC), na École des Hautes Études, assumiria a partir de então protagonismo no debate sobre os jovens, deslocando-o para questões relacionadas à reprodução social, como a análise da escola e dos mecanismos de reprodução de desigualdades sociais sustentados por essa instituição (MARTÍ CRIADO, 1998).

o Brasil, o interesse acadêmico pela juventude veio de mãos dadas com o auge dos movimentos estudantis da década de 1970.⁷ Porém, tal ênfase foi deslocada para os estudos sobre crianças e adolescentes na década seguinte, em parte pelo refluxo dessas movimentações, mas também como reflexo do debate público em torno da chamada "questão do menor", prévio à promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. Só em meados dos anos 90, como já dissemos, os jovens tornam a ganhar relevância enquanto objeto de estudo

⁵ Um estudo pioneiro sobre as *high schools* é o de Robert e Helen Lynd, *Middletown* (publicado em 1929). Seguindo seus passos, A.S. Hollingshead publicou *Elmtown's youth* em 1949. Estudos de caráter mais abrangente também marcaram o período, sobretudo os trabalhos de Talcott Parsons sobre a juventude americana e o de Eisenstadt (primeira edição em 1956) sobre grupos de idade e gerações.

⁶ Os trabalhos mais conhecidos são *Folk Devils and Moral Panics*, de Stan Cohen (1972), e a coletânea *Resistance through rituals*, por Stuart Hall e Tony Jefferson (primeira edição em 1975). Na França, foi pioneiro (embora sem continuidade) o estudo de Jean Monod, em 1961, sobre os *bloussons noirs* (FEIXA, 1998).

⁷ A autora de referência para esse período é Marialice M. Foracchi (1972).

para as ciências sociais.' Muitos dos estudos desenvolvidos desde então abordam aspectos do universo dos jovens das classes populares.

Entretanto, uma abordagem antropológica dos jovens de classes populares enquanto membros de suas famílias, inseridos numa determinada vizinhança e em contato com várias instituições locais e supralocais (abordagem adotada neste trabalho) continua sendo inovadora, uma vez que os estudos de juventude apresentam, em geral, recortes temáticos mais restritos ou optam por delimitar a pesquisa a grupos etários homogêneos, perdendo-se a visão intergeracional. Um bom número de trabalhos incide, de forma mais ou menos crítica, sobre "problemas sociais" (no sentido dado por Pais, 1993) que atingem esse grupo: "gravidez na adolescência", violência juvenil, escolaridade e desemprego, entre outras questões." Trabalhos sobre programas e instituições voltados a crianças, adolescentes e jovens pobres, bem como sobre aspectos teórico-conceituais são linhas referidas por Alvim (2002). Vêm crescendo, igualmente, as pesquisas sobre estilos ou *tribos* juvenis, nas quais é possível rastrear questões do cotidiano juvenil das chamadas "periferias urbanas", embora a partir de uma ótica muito mais ligada aos aspectos de produção estético-cultural e com pouca atenção às questões de gênero.¹⁰

Mesmo quando não lidam especificamente com a questão da juventude, pesquisas junto às classes populares discutem os valores, as aspirações, assim como as condições e os conflitos que perpassam o cotidiano desses grupos, sendo

⁸ Rosilene Alvim traça esse percurso no seu recente artigo "Olhares sobre a juventude" (2002).

⁹ Sobre a primeira dessas questões, pode-se destacar o projeto "Gravidez na Adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil", que busca estabelecer um conhecimento sobre esse assunto superando a visão hegemônica de que a gravidez nessa fase da vida é, *a priori*, um problema (CABRAL, 2002). Vários artigos da *Revista Brasileira de Educação, número especial: Juventude e contemporaneidade* (1997) discutem as questões de escolaridade e emprego. Quanto à temática da violência, pensamos sobretudo nas contribuições de Zaluar (1997, 1994) e nas várias pesquisas realizadas por Miriam Abramovay, Mary Castro e outros pesquisadores ligados à UNESCO.

¹⁰ Esses estudos têm se multiplicado desde o pioneiro trabalho de Hermano Viana sobre *funk* no Rio de Janeiro (1988). Ver, entre outros, Abramo (1994), Sposito (1994), Cecchetto (1998) e Herschmann (2000).

por isso fonte imprescindível para nossa reflexão.¹¹ Esses estudos sobre classes populares (muitos sob a rubrica família) não costumam focar a juventude enquanto grupo que partilha de uma posição social determinada, e ao qual podem ser socialmente atribuídos comportamentos, obrigações e inserções institucionais específicas. Alba Zaluar tem feito esse recorte juvenil em vários trabalhos (1994a, 1994b, 1997), embora frequentemente pesquisando apenas jovens envolvidos no tráfico de drogas. Em recente artigo, Scott, Quadros e Longhi (2002) discutiram questões ligadas a vários aspectos da experiência de vida de homens e mulheres jovens moradores do bairro do Ibura: violência, socialização, família, saúde reprodutiva. Os trabalhos de Franch também discorrem sobre temas de um ponto de vista correlato (FRANCH, 2000, 2002a, 2002b).

Todos esses estudos estão perpassados por questões de classe social, da formalidade e informalidade de processos e instituições de aquisição de habilidades e conhecimentos, e da formação de redes de sociabilidade, questões essas que, vistas da perspectiva da importância da moradia no cotidiano juvenil, podem se tornar mais ricas de significado por serem situadas etnograficamente e por conseguirem articular bem os diversos temas e processos em pauta.

2 Quem são os jovens do Recife e onde moram?

2.1 Recife e os jovens no contexto regional e nacional

A Região Metropolitana do Recife tem semelhanças com outras regiões metropolitanas do Brasil, fazendo com que a vivência da cidade seja parecida em todo o País. Situar-se na região do Nordeste contribui para algumas particularidades que favorecem uma presença de jovens na cidade ligeiramente acima da média nacional, como pode ser visto na tabela 1.

¹¹ Autores que ajudam a compreender o universo das classes populares, mesmo sem priorizar a questão da juventude, são Duarte (1988), Fonseca (2000), Sarti (1996) e Alvim (1997), entre outros.

Tabela 1 - Jovens no Brasil, Nordeste, Pernambuco e Região Metropolitana do Recife - 1999

Unidade geográfica	População total (mil hab.)	Jovens (% da população total)		
		15 a 24 anos	15 a 19 anos	20 a 24 anos
Brasil	160.336	19,6	10,7	8,9
Nordeste	46.400	20,5	11,5	9,0
Pernambuco	7.594	19,9	10,8	9,1
Reg. Metr. do Recife	3.158	20,4	10,6	9,8

Fonte: IBGE - Síntese de Indicadores Sociais, 1992-1999 (2000)

No Brasil, os jovens entre 15 e 24 anos representam 19,6% da população, enquanto no Recife esse número fica em 20,4%. Essa diferença em favor do Recife concentra-se na faixa superior, de jovens adultos entre 20 e 24 anos (8,9% no país e 9,8% no Recife). Isto mostra que o Recife é um local que atrai e produz jovens com ligeiramente maior intensidade que o restante do país. Quando se compara com o Nordeste como um todo, é possível verificar a relevância da faixa etária, pois na região, que compreende população urbana e rural, a diferença em relação ao país é marcada pela proporção mais alta de jovens de 15 a 19 anos (e não de 20 a 24). A região Nordeste, que reduziu a sua taxa de fecundidade ao longo da década de 1980, continua com as características de um celeiro de mão-de-obra - os seus jovens adultos emigrando para buscar melhores condições de vida em locais mais distantes. Na região, o Recife serve como destino para muitos dos jovens que procuram melhorar de vida, como foi mostrado em estudos anteriores (SCOTT, 1983, 1986) e atuais (IBGE, 2003).

De 1992 a 1999, a proporção de jovens na população total cresceu no Brasil (de 19,0% para 19,6%), mas diminuiu ligeiramente no Recife (de 20,7% para 20,4%) e no Estado de Pernambuco, o que provavelmente se deve, em parte,

ao processo de emigração citado acima. Embora nos anos 90 tenha-se observado um fenômeno de migração de retomo para o Nordeste (já identificado em Scott, 1988), no que concerne à estrutura etária parece que esse retomo se concentra em faixas de idade mais avançadas, não tendo influenciado a proporção de jovens. Ao mesmo tempo, o processo demográfico de envelhecimento populacional, acoplado à queda de fecundidade, dá um destaque para as faixas jovens nesta virada de século, já identificado por Madeira (1998) e CNPD (1998a, 1998b). Assim, no Recife, em termos absolutos, o grupo mais jovem (15-19) ainda supera o grupo de 20-24. Entretanto, nas faixas inferiores (de 10-14 anos) já se identifica uma queda proporcional no número de jovens (SCOTT, 2001, 2002).

Os indicadores publicados pelo IBGE consultados para este trabalho não permitem fazer uma diferenciação por sexo dos jovens, mas vale ressaltar que, enquanto no Brasil, em 1999, há 95,9 homens para cada 100 mulheres, no Recife são apenas 90,5. Desde 1992, no Brasil e no Recife, a população masculina vem diminuindo perceptivelmente, se comparada à feminina.

O mercado de trabalho para jovens não é muito favorável no Recife. Os jovens que estão economicamente ativos são bem menos numerosos, proporcionalmente, no Recife (40,1%) que no Brasil (51,7%). Em termos de remuneração, os ganhos dos jovens no Brasil superam em muito os do Nordeste (26,1% estão acima de 2 salários mínimos, contra 7,0% no Nordeste). Mesmo assim, o fato de ser uma região metropolitana contribui para que o Recife seja privilegiado enquanto lugar de ganho juvenil no cenário regional - 17,9% ganham acima de 2 salários mínimos. No Recife, as jornadas de trabalho dos jovens são proporcionalmente maiores que as do Brasil (45,4% trabalham acima de 44 horas, contra 36,2% no Brasil). Ou seja, embora não se tenha trabalho para tantos jovens quanto no país como um todo, quando se trabalha no Recife, trabalha-se mais que em outros locais fora do Nordeste. Isto é importante para entender a relação entre trabalho e aquisição de conhecimento, principalmente porque jornadas de trabalho extensas podem impedir que os jovens estudem e trabalhem ao mesmo tempo, bem como influenciam a sua integração em redes sociais localizadas.

Um dado a que não se tem acesso, apesar da sua importância no processo de aquisição de habilidades para o mercado de trabalho, é o do número de jovens que fazem estágio no Brasil e no Recife. Uma das principais agências de estágios no país, o Centro de Integração Empresa Escola, calcula que já conseguiu estágios para três milhões de estudantes, entre 1964 e 1999. Mas trata-se de um campo cheio de ambigüidades, a começar pela própria legislação sobre o trabalho de

adolescentes e jovens. Numa pesquisa sobre estágios no Recife", Madiana Rodrigues (2002) conclui que as leis sobre estágios podem servir, em verdade, para que os empregadores consigam mão-de-obra barata, livre das obrigações trabalhistas. Nos depoimentos de jovens estagiários, a percepção do estágio varia significativamente, dependendo das condições de realização - incluindo o controle e supervisão - , da expectativa dos jovens e das oportunidades a que têm acesso. Assim, estudantes de ensino médio das escolas públicas valorizam muito os estágios porque estes representam a melhor forma de ganhar dinheiro a que têm acesso. Diferentemente, estudantes do curso de administração da Universidade Federal de Pernambuco julgam seu estágio de uma maneira mais crítica, valorizando aqueles que lhes brindam oportunidade de aprender, mas denunciando a exploração a que são submetidos por alguns empregadores.

2.2 Os jovens, suas casas, suas famílias

Descobrir onde moram os jovens recifenses em relação à família não é fácil. Ainda falta encontrar dados abrangentes e aprofundados que detalhem as condições residenciais dos jovens e das suas famílias. Mas é possível fazer algumas observações com base em outros estudos realizados em alguns locais específicos e em outros contextos no Brasil. Como o casamento das mulheres ocorre mais cedo que o dos homens, elas tendem a estabelecer residências próprias numa idade mais jovem. Os rapazes passam mais tempo residindo com os seus pais, o que se manifesta estatisticamente através de maiores proporções de filhos homens entre 20 e 24 anos do que de filhas na mesma idade morando com os pais, como observaram Rios-Neto (comunicação pessoal, 1988), Scott (1990) e Medeiros e Osório (2001).

É ainda mais difícil identificar, numericamente, a proporção de jovens casados que residem em quartos nas casas dos seus pais e sogros. O registro de famílias cc-residentes" é muito precário, pois depende da identificação ou não de uma "entrada separada" por um recenseador (ABEP, 1984). Muita gente que "mora nos fundos" e que participa numa partilha cotidiana de refeições e de tarefas pode ser identificada pelos recenseadores como habitando uma casa independente,

¹² A pesquisa fez parte do projeto "Os Jovens e a Cidade".

u Heraldo Souto-Maior (1992) é dos poucos autores que examinaram esta situação com mais detalhe.

quando essa 'independência' não é tão evidente. Um padrão muito bem conhecido em todo o Brasil consiste no fato de novas famílias co-residirem com as suas famílias de origem durante vários anos após o casamento, antes de reunir condições de morarem sozinhas.

Em Recife, Franch e Gough (2003) identificaram três estratégias básicas que os jovens de periferia implementam na hora de formar família e de buscar um espaço que abrigue seu novo lar" - estratégias estas que não precisam ser excludentes, mas que podem ser acionadas em diferentes momentos do processo de formação de novas famílias. A situação ideal pode ser resumida pelo ditado popular "quem casa, quer casa", como já foi observado por Cynthia Sarti (1996) na sua descrição das relações de família entre pobres de São Paulo. Nesses casos, o casal se instala num espaço diferente da casa dos pais, de preferência próprio: "Só quero casar, arrumar alguém pra morar comigo no dia em que eu tiver condições de ter o que é meu, ter o meu lugar certo, ter condições, porque quem casa, quer casa, ter condições de se manter sem depender dos outros" (Diego, 23 anos 15). Algumas alternativas a essa situação ideal são a invasão de terreno, a construção da própria casa num terreno da família e o aumento da área construída da casa dos pais (construção de puxados, segundo andar, etc.).

Uma segunda estratégia, muito menos popular, é morar em casa alugada. Rejeitada por muitos jovens, essa alternativa se impõe em situações de muito conflito doméstico, quando o casal tem alguma fonte de renda mais ou menos estável e há antecedentes de morar de aluguel na família. Por fim, uma estratégia muito comum é a transferência do casal para a casa de um dos sogros (o que pejorativamente é chamado de "viver de arrego"). A situação estabelecida a partir da convivência das duas famílias varia da cooperação ao desentendimento e pode incluir conflitos entre os irmãos pelo espaço e pelo direito à sucessão da casa. Situação semelhante é a das jovens que engravidam e têm seus filhos dentro da casa dos pais, sem a presença efetiva do pai da criança. Se bem que a solidariedade familiar possa funcionar mais ou menos nas três estratégias referidas, esta última tem um efeito direto na aquisição de habilidades e conhecimentos por parte dos jovens, pois costuma acarretar uma extensão do tempo de socialização. Isso acontece sobretudo

¹⁴ Pesquisa realizada no marco do projeto "Os Jovens e a Cidade", na favela do Vietnã, em Recife. Kate Gough é geógrafa, professora do Depto. de Geografia da Universidade de Copenhague.

¹⁵ Entrevista realizada por Gough e Franch na comunidade do Vietnã, Bairro dos Torrões, Recife, em 2001.

entre os casais muito jovens, quando os pais/sogros percebem problemas no relacionamento conjugal e continuam exercendo uma atitude tutelar, ensinando aos filhos regras de convivência.

É interessante notar, conforme constatado em estudo realizado em famílias de patrimônios bem diferentes (pobres e ricos), que os filhos de famílias pobres costumavam formar residências independentes muito mais cedo que os filhos de famílias ricas. Estas mantinham os seus filhos solteiros em casa por mais tempo, e ofereciam condições residenciais para eles poderem compartilhar o uso do patrimônio familiar (acesso a carros, dinheiro para festas, equipamento para estudos, etc.) e investir mais em instrução formal, só chegando a estabelecer residências independentes mais tardiamente (COSTA, 1983).

Em ambos os casos, a prática de retardar a dissociação dos filhos da sua família de origem estimula uma participação maior destes no uso de um patrimônio que irá permitir a inserção favorável dos jovens nos contextos de convivência com os seus pares. As famílias de camadas mais abastadas desenvolvem um discurso arrojado sobre a necessidade da disponibilidade de 'espaço' para a família, procurando residências com quartos individuais para os filhos e outras residências de férias e de fins de semanas, o que mantém o filho visivelmente mais sob a vigilância familiar e sujeito à articulação de estratégias domésticas de investimento em instrução e formação de patrimônio, dirigidas aos filhos co-residentes (SCOIT, 1989).

Assistir a cursos, neste cenário, contribui tanto para qualificação quanto para a formação de redes para jovens de famílias ricas e pobres. De uma forma um pouco contraditória, como salienta Araújo (1994), o recurso a cursinhos retira das mãos dos pais das famílias de classe média a socialização direta dos seus filhos. Com efeito, apesar de co-habitarem com esses filhos, investem em treinamentos dirigidos por terceiros para sua qualificação 'individual'. Ao se mostrarem capazes de arcar com os custos dessa qualificação calcada na individualização, favorecem nesses jovens uma percepção da 'autonomia' de sua família com relação aos seus pares, ao mesmo tempo que oferecem espaços valiosos para a sociabilidade intra-juvenil. Os jovens mais pobres, submetidos a um menor acesso a cursos individualizantes, mesmo valorizando-os como forma de preparação para o mercado de trabalho, também fazem com que a frequência a cursos se tome um momento de sociabilidade, ali desenvolvendo capacidades de inter-relação com os colegas, e, assim, coletivizando a experiência de aprendizagem. O poder do simbolismo do patrimônio autônomo de cada grupo doméstico se evidencia menos para os jovens mais pobres, porém a importância de manter as redes sociais alargadas para poder

contar com a colaboração de família e de amigos, colegas do curso, atualmente e no futuro, é ressaltada.

Esse período da juventude é, então, um período da formação de condições para a passagem do patrimônio material e simbólico que se forma no meio de uma tensão entre "a liberdade e a autonomia individuais" tão procuradas pelos jovens (solteiros ou casados) e a reafirmação do seu pertencimento a grupos de parentesco e famílias, cujas estratégias de manutenção de patrimônios exigem uma continuidade de trocas entre pais e filhos. Onde residir é apenas uma manifestação de como isso se realiza.

Quando não é pelo acesso a cursos, pode ser pela direção do fluxo de apoio financeiro entre pais e filhos que residem distante um do outro que se evidencia essa questão. A famosa frase do filho da família de camadas médias "papai, mande dinheiro, que estou precisando!" denuncia um fluxo de pais para filhos. Isso não é tão evidente quando se enfocam as remessas e as visitas entre emigrantes menos abastados e as suas casas de origem. Um estudo (SCOTT, 1983) identificou que a "moeda de troca" entre grupos domésticos relacionados é sobretudo de filhos para os pais e pode ser diferente de acordo com o gênero: rapazes e meninas solteiros emigrados para São Paulo mandavam dinheiro de volta para os seus pais no Recife; enquanto rapazes casados continuavam mandando dinheiro, moças casadas deixavam de mandar. Em contraposição, as jovens casadas abriam as portas das suas casas em São Paulo à co-residência com seus próprios parentes (sobretudo irmãos), a quem chamavam para "ajudar"; essa co-residência era menos freqüente com os parentes dos rapazes casados.

Quando se volta a atenção para os padrões residenciais no Recife, mesmo sem os dados que permitiriam confrontar as relações de parentesco existentes entre os responsáveis da casa e outros residentes, é possível, em parte, localizar espacialmente os jovens ricos e pobres em relação à moradia para compreender os bairros como espaços diferenciados para aquisição de conhecimento e formação de redes próprias. Usando a divisão do Recife em seis regiões político-administrativas, percebe-se o quanto o morar em apartamento se associa a maior renda e o morar em casa individual se associa a menor renda (ver tabela 2). Mesmo que as redes de vizinhos e amigos sejam importantes para todos, observa-se que a convivência em apartamentos fragmenta e individualiza estas redes (LOPES, 2000; VASCONCELLOS, 2002; VELHO, 1978). A reciprocidade e a solidariedade da ajuda mútua entre as casas dos bairros pobres (MOTTA; SCOTT, 1983) reforçam uma ação redistributiva que serve como uma rede de proteção em ocasiões

de maior necessidade, diferentemente do relativo isolamento dos apartamentos, onde a restrição das redes a pessoas mais relacionadas por parentesco permite um maior investimento em acumulação de patrimônios familiares sobre os quais as demandas externas são relativamente menores.

Tabela 2 - Moradia em apartamento, renda e participação de jovens segundo bairros contrastantes de algumas regiões político-administrativas do Recife

Recife, RPA e bairro/local	Aptos / total de residências (%)	Renda (R\$)		Jovens (% da população)		
		Média	Mediana	15-24 anos	15-19 anos	20-24 anos
Recife (total)	19,000	1.024,00	350,00	19,9	10,1	9,8
RPA 1						
Soledade	93,400	1.756,00	1.200,00	19,3	9,1	10,2
Joana Bezerra	0,010	233,00	151,00	20,5	11,1	9,4
RPA 2						
Encruzilhada	53,400	1.820,00	1.200,00	18,3	9,4	8,9
Peixinhos	0,010	243,00	157,00	20,8	11,2	9,6
RPA 3						
Graças	92,100	3.658,00	3.000,00	20,7	10,6	10,1
Brejão de Guabiraba	0,001	291,00	186,00	22,3	11,4	10,8
RPA 4						
Madalena	44,100	1.869,00	1.000,00	19,5	9,8	9,7
Torrões	0,017	409,00	230,00	21,1	11,0	10,1
RPA 6						
Boa Viagem	78,100	3.012,00	2.000,00	19,9	9,8	10,1
COHAB (Ibura)	0,001	371,00	250,00	21,1	11,0	10,1

*Os bairros contrastantes foram escolhidos na proporção de moradores em apartamentos, incluindo o bairro com a maior e a menor proporção. Os bairros com baixa proporção de apartamentos estão sombreados para facilitar a leitura comparativa da tabela.

••A renda é do responsável pela família.

Fonte: Microdados do IBGE, Censo 2000, fornecidos pelo Observatório, PE.

É interessante notar que os bairros com mais pobres e com uma maior proporção de casas abrigam, sistematicamente, maiores proporções de jovens que a média geral da cidade. Já os bairros onde há concentração de apartamentos, com exceção das Graças, têm uma proporção de jovens abaixo da média na cidade. Quando se observa por faixa etária, a diferença, tão nítida quando se trata de jovens entre 15 e 19 anos, não está tão clara para jovens de 20 a 24 anos, sugerindo uma retenção maior dos jovens de famílias com rendas mais altas nos apartamentos dos pais ou em apartamentos próprios, enquanto nas casas nos bairros residenciais mais empobrecidos há uma diminuição proporcional maior de jovens na faixa etária de 20 a 24 anos, talvez refletindo o padrão centrifugo de procura de oportunidades de renda via migrações e, também, a alta mortalidade entre jovens nos bairros populares.

3 Processos domésticos, processos espaciais e patrimônio

Nas invasões de terras agrícolas no sul do país, Vianna (comunicação pessoal) observou que um dos fatores principais que motivam as invasões é a chegada dos filhos dos agricultores à idade jovem em comunidades já estabelecidas. Sem ter onde plantar, os jovens procuram terras novas para estabelecer e formar as suas famílias. A mesma lógica também promove invasões urbanas e a formação de novas comunidades. Num estudo da história da ocupação do bairro do Ibura (SCOTT, 1996), as próprias famílias das comunidades que foram ocupando os conjuntos residenciais construídos pelo governo identificaram comunidades vizinhas, nas encostas dos morros e nos interstícios dos conjuntos residenciais, como locais que foram ocupados "pelos filhos dos antigos moradores que não tinham onde morar e que queriam casas próprias". As comunidades assim estabelecidas são mais desprovidas de infra-estrutura. Desse modo, essas "favelas" e "invasões" têm que lutar para estabelecer a sua própria representatividade no movimento de associações comunitárias, estabelecida com base nas comunidades mais antigas, impondo agendas de melhoria para as suas comunidades "jovens". Mas, quando comparadas com os movimentos rurais, na cidade essas demandas são menos estreitamente associadas aos ciclos domésticos dos moradores, porque o patrimônio

¹⁶ Não é de estranhar que nos Andes estas invasões são conhecidas por este nome mesmo - "pueblos jóvenes".

da residência urbana não é tão estreitamente relacionado à produção. Como consequência, as invasões são compostas por pessoas com idades mais diversificadas.

O que é que esta observação implica para a nossa compreensão da relação entre juventude e moradia? Quando se estuda um bairro, é importante que se identifiquem as idades dos responsáveis pelas famílias e que se estabeleça uma compreensão da relação de proximidade entre famílias de origem e redes de parentes, pois este fator será fundamental para estabelecer os padrões de visitação e sociabilidade que regem na comunidade. Entender cada aglomerado urbano apenas como um espaço físico capaz de ser descrito com referência ao tamanho de residências, ao número de vãos, à condição de propriedade, ao material de construção, às condições de saneamento, etc. é perder de vista a relação que a comunidade trava com o que chamamos aqui de "processos domésticos". É preciso entender a distribuição espacial do bairro em relação ao estabelecimento de relações entre gerações e entre parentes, para compreender o que a moradia significa para a reprodução social. Investimentos em melhoramento das moradias - anexos às casas, pavimentos adicionais, puxados nos quintais - informam a procura de adequar o espaço à ampliação de grupos domésticos que já chegaram à fase de 'dispersão' dos filhos. Procurar uma residência próxima, ou participar numa invasão num terreno próximo à comunidade, reforça a manutenção de redes de sociabilidade e solidariedade fortemente associadas ao parentesco - formando 'pedaços' que são locais sociais integrados pelo sentimento de pertença de pessoas assim associadas.

3.1 Gênero e classe social no uso social do espaço pelos jovens

E se essas questões estão mais diretamente relacionadas com os processos familiares, especificamente com a constituição e residência de novas famílias jovens, um outro aspecto que merece ser destacado é o uso do espaço doméstico (parental ou próprio) pelos jovens. Até que ponto podemos falar numa ocupação propriamente juvenil dos espaços domésticos e o que isso tem a ver com a aquisição de capacidades?

A vivência dos jovens na casa, no bairro e, em última instância, na cidade é claramente permeada pelas diferenças de gênero. Tanto nas classes populares como nas classes média e alta, as jovens são mantidas mais em casa do que os rapazes, fato que repercute na aquisição de habilidades diferenciais. Conforme apontado por alguns autores (PORTELLA, 2002), o cerceamento da liberdade

das meninas dá-se hoje principalmente nos âmbitos da sociabilidade (lazer) e da sexualidade. Já no que diz respeito ao trabalho e à aprendizagem formal (escola, cursos profissionalizantes), o controle da circulação das jovens perde importância face à exigência crescente por capacitação e emprego que vem acompanhando as transformações nos papéis masculino e feminino na sociedade. 'Podemos aventurar que a participação das jovens no mercado educacional e profissional terá propiciado a aquisição de novas habilidades para se mover no espaço urbano, entendendo esse trânsito num sentido amplo - não apenas como um deslocamento espacial mas também como a aquisição de novas experiências pela interação com realidades heterogêneas. Acreditamos, entretanto, que no domínio da malha urbana (importante habilidade no contexto metropolitano), as moças ainda estão em desvantagem em relação aos rapazes.

Nas classes populares, a permanência das garotas em casa durante boa parte do tempo em que não estão na escola ou trabalhando é comumente associada à realização de tarefas domésticas. Em sua dissertação de mestrado pela UFPE, Tânia Monteiro (1988) destacava que as jovens do bairro de Águas Compridas, em Olinda, eram iniciadas pelas suas mães ou avós nas tarefas domésticas por volta dos 10 anos de idade, esperando-se delas o domínio das técnicas de cuidado da casa e da família aos 15 anos (arrumar, cozinhar, lavar e passar roupas, etc.). Na comunidade do Vietnã, no bairro dos Torrões, Recife, a aprendizagem do conjunto de habilidades domésticas, embora não recaindo de forma equilibrada entre as várias irmãs do núcleo doméstico, raramente é cobrada aos rapazes - eles "bagunçam" enquanto elas "arrumam". O "bagunçar", é bom lembrar, faz parte do repertório masculino de comportamento doméstico, fazendo com que as mulheres da casa terminem por desejar a ausência masculina, especialmente entre irmãos e irmãs (FRANCH, 2000).

Fora a ação das jovens nas tarefas domésticas e, quando há, dos jovens em negócios ou oficinas que funcionam nos quintais da casa, a presença juvenil no espaço doméstico é também facilmente identificável no uso da casa para fins recreativos e de sociabilidade. Num estudo sobre o tempo livre (FRANCH, 2000), chamou atenção a referência à casa para o desenvolvimento de práticas recreativas em 82% dos jovens entrevistados, contrariando uma série de representações

"No Brasil, o reflexo mais claro dessa mudança de orientação, para as jovens, tem sido a perceptível aceleração da escolaridade entre as mulheres (MADEIRA, 1998).

corriqueiras que atribuem significados extremamente negativos à moradia entre os mais pobres. Os jovens namoram em casa, recebem visitas (sobretudo elas), conversam muito, assistem à TV e escutam música, alguns tocam instrumentos, lêem, dormem, cantam ou não fazem nada. As fronteiras da casa, durante o dia e especialmente à noite, se expandem pelas calçadas e pelos portões, onde se joga muito dominó e muita conversa fora, enquanto se observa o movimento da rua. Já os interiores oferecem a vantagem de proteger os jovens da visão 'pan-óptica' dos vizinhos, permitindo também usufruir as novas tecnologias ao seu alcance (forte diacríticojuvenil).

É claro que a menção à casa como lugar de recreação remete, amiúde, à inserção da mesma no bairro e, conseqüentemente, numa rede de relações sociais valorizada pelos jovens. Nesse sentido, a casaibairro permite (e exige) o desenvolvimento de uma série de habilidades relacionais que fazem parte também da mudança do padrão de relacionamento interpessoal da infância à juventude e, posteriormente, à idade adulta: aprender a diferenciar amigos/as de colegas, a defender-se do julgamento alheio (fofoca, especialmente dirigida ao comportamento feminino), a proteger-se da violência por meio de técnicas de evitação, sem falar na freqüente ocorrência de namoros, paqueras ou 'esquemas' entre vizinhos e o conseqüente desenvolvimento de aptidões amorosas. em todos os bairros, porém, facilitam esse tipo de relação (e de aprendizado) entre os seus moradores.

A recreação em casa para camadas médias, para a qual não temos referências a dados estatísticos, tem sido comentada repetidamente pelos observadores da influência da Internet sobre a sociabilidade juvenil. Mesmo que esses jovens usem os mesmos 'diacríticos' que os jovens das classes populares, tais como aparelhos de som e televisão, o acesso à tecnologia mais avançada de computação também marca a particularidade da sua 'recreação doméstica'. Mais uma vez, há uma individualização associada à evidência do patrimônio doméstico que promove uma percepção do processo de socialização destes jovens como 'autônomos'. A recreação extra-doméstica se relaciona a espaços de sociabilidade relativamente excludentes e protegidos cujo acesso exige o pagamento de preços elevados. Nessas ocasiões a formação de grupos para se deslocarem para os bares, cinemas e casas de shows, tanto próximos de casa quanto, preferencialmente, distantes ou, inclusive, em locais de férias, fins de semana e veraneio, passa pela capacidade de acompanhar o ritmo do grupo com o qual se está andando, sem estartão relacionada à vizinhança A proximidade é mais social que física - novamente

"navegar no espaço mais amplo" é privilégio de "quem pode".

Em resumo, a circulação dos jovens por diferentes espaços urbanos e virtuais é influenciada pelas variáveis de idade, condição social e sexo. Jovens de classe média de ambos os sexos tendem a andar menos pela cidade de ônibus, a pé ou de bicicleta do que os jovens moradores em áreas de baixa renda. Os homens jovens pobres, especificamente, são os jovens que mais circulam pela cidade, sobretudo quando têm uma bicicleta, transporte ágil e barato que lhes permite maior mobilidade. Já as jovens que moram em bairros populares têm sua mobilidade muito mais cerceada e muitas delas mal conhecem a cidade onde moram. Em compensação, homens (sobretudo) e mulheres de bairros pobres costumam ter uma vivência bastante intensa do bairro, diferentemente dos jovens de classe média, que apenas andam pelas ruas para seus percursos cotidianos, como ir até a escola, a academia ou a escola de línguas. Jovens ricos que estudam em escolas particulares longe de casa são acompanhados pelos pais até a escola de carro. Jovens pobres que estudam em escolas públicas no centro da cidade podem aproveitar essa circunstância para exercer sua autonomia espacial, sobretudo as mulheres (FRANCH, 2000). Nos dois grupos sociais, a idade implica numa maior liberdade de movimentos mas ela chega antes para os rapazes do que para as moças. Se, até os 18 anos, os jovens de classe média têm seus movimentos muito controlados pelos pais, o que os deixa em desvantagem em relação a muitos jovens homens das classes populares, a situação se modifica quando podem tirar carteira e comprar um carro. Nesse momento, a mobilidade espacial de homens e mulheres nas classes médias se aproxima, ao mesmo tempo em que se distancia definitivamente da dos jovens pobres.¹⁸

¹⁸ Os jovens de classe média foram contatados através de escolas particulares situadas nos bairros de Torre e Madalena e por meio de redes pessoais das pesquisadoras e dos jovens entrevistados, pela técnica de bola de neve. As entrevistas com jovens de classe baixa foram realizadas, principalmente, em dois bairros - o bairro de Alberto Maia, em Camaragibe, e o bairro de San Martin, mais especificamente nas localidades do Vietnã (antiga invasão) e Vila Arraes (antigo loteamento). Ao todo, foram feitas 44 entrevistas e 14 grupos de discussão. As entrevistas foram realizadas por Anne Line Dalsgaard (Universidade de Copenhague) e por Mónica Franch (UFPE), que conduziram os estudos em profundidade nos bairros de Alberto Maia e Vietnã, além de entrevistarem jovens de classe média; e Kate Gough, que fez um estudo transversal sobre o uso de espaço junto a jovens de classe média e moradores do Vietnã, junto com Mónica Franch.

3.2 O patrimônio simbólico e a sociabilidade: a casa e o pedaço

Vários autores que têm ensaiado tipologias para a experiência da vizinhança têm resgatado a questão da sociabilidade como diacrítico importante entre bairros de prestígio e bairros sem prestígio. MariaLuizaHeilbom (1984), em sua dissertação de mestrado precisamente centrada na juventude, retoma, com matizes, a conhecida divisão do Rio de Janeiro entre zona norte-subúrbio/zona sul, coincidindo a primeira com uma sociabilidade densa, do tipo "malha estreita" (BOTI, 1976), e a segunda com um maior distanciamento nas relações de vizinhança. A autora mostra como a vivência no subúrbio modela as expectativas dos jovens, que passam a ser fortemente orientadas pela lógica do parentesco e da aliança sendo, por isso, erroneamente classificadas de "tradicionais". Na cidade de São Paulo, o antropólogo José Guilherme Magnani (1998) vem reivindicando o uso da categoria nativa de "pedaço" para designar um componente de ordem espacial ao qual corresponde uma rede de relações também densa que combina laços de parentesco, vizinhança e procedência: "Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção - onde se tece, enfim, a trama do cotidiano." (MAGNANI, 1998, p. 117).

Freqüentemente, a forte vinculação dos jovens dos subúrbios ao "pedaço" é enxergada como um fator constrangedor das suas possibilidades devido à carência de ofertas educativas e de lazer nesses lugares, bem como ao ostensivo controle que as instituições da família e da igreja exercem sobre suas ações. Sem estarem desprovidas de razão, essas críticas encobrem amiúde uma visão individualista da constituição dos sujeitos nem sempre enfatizada nas camadas populares. Desta maneira, perdem-se de vista as habilidades que os jovens adquirem no 'pedaço' (e os campos de aplicação das mesmas) para apenas enfatizar os constrangimentos.

Jovens das classes populares conseguem usualmente no espaço do bairro e nas áreas próximas ter acesso a cursos, estágios e treinamentos gratuitos ou a baixo preço, através dos quais tentam incrementar seu currículo e suprir as carências da educação formal - como, por exemplo, sair da escola sem uma 'profissão'. As opções oficiais para dar conta dessa demanda são insuficientes, abrindo margem à proliferação de cursos de baixo custo e à ação das entidades filantrópicas. Márcia Longhi (2002), em seu estudo sobre o mercado de cursos de computação no

Recife", mostra como, apesar da inegável expansão do acesso à informática e de toda uma retórica oficial de que é preciso lutar contra a exclusão digital, o mercado se organizou de forma a continuar excluindo os jovens com piores condições financeiras. Isso é feito pela contínua aparição de novos certificados e especializações que tomam obsoletas as capacitações a que os jovens de periferia têm acesso.

Fora os cursos profissionalizantes, os jovens também adquirem novas habilidades através de projetos sociais, por vezes desenvolvidos pelos próprios moradores, mas muitas vezes 'implantados' nas localidades de baixa renda por ONGs e instituições desse tipo. A existência de projetos sociais, como já foi observado por Novaes (2003), pode atenuar de alguma forma as marcas de exclusão social que os jovens pobres carregam. Mas, indiretamente, eles terminam criando uma certa hierarquia entre os 'pedaços' - há lugares com vários projetos sociais, assim como há outros sem qualquer iniciativa desse tipo. Conseqüentemente, alguns jovens têm mais chance de adquirir novas habilidades do que outros, dependendo de qual seja o seu 'pedaço'.

Recife tem alguns bons exemplos de bairros que despontam como centros de formação e produção **artística**, oferecendo aos jovens que neles moram maiores oportunidades para adquirir e desenvolver habilidades. Nos anos 90, algumas áreas periféricas, especificamente o bairro de Peixinhos (MACHADO, 2003) e o Alto José do Pinho (SCHWARZ, 2002), ganharam relevância por concentrar um número considerável de músicos jovens e fazer parte do que foi chamado de "movimento mangue" ou "nova cena musical" do Recife. Essa movimentação chamou a atenção de várias ONGs, pesquisadores e ativistas em geral, que começaram a desenvolver projetos artísticos e educativos apoiando-se nas redes locais. Novas iniciativas foram surgindo a partir de idéias e mobilização dos moradores, em contato com os novos atores em cena, até que, em alguns bairros, o poder público se uniu a esses esforços, com mais projetos e infra-estrutura. Isso foi o que aconteceu, por exemplo, no bairro de Peixinhos, onde a Prefeitura adotou um centro cultural no qual funcionam uma biblioteca e vários projetos sociais, alguns deles em parceria com ONGs. ²⁰

¹⁹ O estudo faz parte do projeto "Os Jovens e a Cidade".

²⁰ Estas iniciativas foram estudadas, com diversos focos, por Lira (2000), Schwarz (2002) e Machado (2003)

aqueles locais onde existem ou não projetos sociais, uma instituição costuma estar presente, desenvolvendo atividades para os jovens: a Igreja. Os moldes da pesquisa *Os Jovens e a Cidade*, num estudo comparativo da sociabilidade de jovens por igrejas de diferentes denominações, Jonhny Cantarelli (2002) observa que a construção das redes sociais e o investimento em oportunidades educacionais variam bastante de uma igreja para outra. Ser ativista jovem numa igreja já é uma escolha significativa para a definição das pessoas com quem se vai desenvolver um convívio mais intenso, e esse convívio está atrelado a uma organização que orienta tais atividades a partir das idéias de responsáveis adultos. Mesmo assim, o dinamismo dos jovens é um fator importante nas próprias estratégias de garantia de um mercado de fiéis para cada igreja. Mesmo que a religião católica seja hegemônica e abranja a maioria dos residentes, ela se apresenta como a mais flexível das instituições religiosas, onde a participação permite envolvimento em diversas atividades pastorais e de aprendizado de artes e ofícios, nos quais os jovens se encontram bastante "à vontade." No outro lado do espectro, a Assembléia de Deus oferece atividades para jovens que são fortemente regidas por uma moral evangélica que permeia todas as ações da igreja. Os grupos de jovens espelham as atividades dos adultos, criando uma rede de colaboração estreita entre seus adeptos, reforçando muito a solidariedade intra e inter-comunitária em bairros periféricos, onde a seletividade com respeito a companheiros nos locais de moradia e na vizinhança diferencia os adeptos da Assembléia de Deus. O próprio vestuário emblemático desse grupo cria uma identidade à parte. O que se aprende nesses grupos são as artes da solidariedade do grupo próximo e os ensinamentos religiosos, muito mais que a procura de outras oportunidades de conhecimento e habilidades. Em outro grupo protestante tradicional nos bairros pesquisados, os presbiterianos, nota-se uma supervalorização do estudo como meio de provar as "boas obras" que evidenciam a adesão às idéias da igreja sobre a salvação. O estímulo à participação em cursos e no ensino formal faz com que esses jovens se destaquem em nível de instrução e se esforcem na construção de carreiras que comprovem que tenham adquirido capacidades de interação e de aprendizado capazes de levar a uma muito pretendida mobilidade vertical. Não há dúvidas que a adesão religiosa também afeta fortemente as oportunidades de aquisição de conhecimento e habilidades para os jovens recifenses.

4 Os jovens, a moradia e a mediação: construindo 'pedaços'

O jovem se insere num conjunto de interseções que fazem com que a construção dos seus 'pedaços' tenha particularidades merecedoras de atenção especial quando buscamos compreender como ele adquire suas habilidades sociais e conhecimento no contexto onde mora.

- a) Há uma interseção entre famílias. O jovem está num ponto de mediação entre a casa dos seus pais e a sua casa. A valorização que ele faz da qualidade das suas relações sociais se evidencia nas decisões sobre quando sair, sobre onde residir e sobre a densidade de contatos que vai manter com a sua casa de origem.
- b) Há uma interseção entre gêneros. Ele está num processo contínuo de afirmação de diferenças de gênero, e o apego à casa ou à rua enquanto espaços de sociabilidade tende a seguir os padrões correntes de identidades feminina e masculina
- c) Há uma interseção entre estudo e trabalho. Ele está aprendendo habilidades que serão fundamentais para a sua inserção num mercado de trabalho altamente desfavorável, e articular a relação entre estudo e trabalho constitui um desafio, especialmente no Recife, como já foi mostrado. Essa articulação constitui um dilema maior para os jovens que começam a trabalhar cedo.
- d) Há uma interseção entre recreação e segurança. A proteção e segurança da casa, independente do seu tamanho, fazem de um lugar privilegiado onde se pode socializar com os amigos de acordo com as características das relações sociais preferenciais para o seu grupo (além de se manter longe do escrutínio dos vizinhos mais atentos). Mas os atrativos da rua fazem com que os jovens aceitem correr riscos para garantir sua diversão, precisando acionar outras habilidades da vida na cidade.
- e) Há uma interseção entre património, parentesco e individualização. As habilidades e conhecimentos que se constroem conduzem à articulação da valorização de redes de sociabilidade que serão necessárias para a manutenção de patrimónios. Isso leva a uma oscilação entre um reforço constante da inclusão dos outros (parentes e vizinhos) no grupo de convívio e um reforço da individualização que mantém sob controle mais estreito o acesso a patrimónios domésticos distintos.

É no meio de todas essas interseções que os jovens constroem as suas habilidades relacionais e técnicas, inserindo-se nos seus 'pedaços' - podendo ser pedaços que valorizem a densidade das relações sociais entre iguais que compartilham moradias semelhantes, ou pedaços que são circunscritos por um controle hierárquico constituindo comunidades 'constrangidas' ou 'sitiadas' por uma razão ou outra, ou ainda pedaços que comunicam uma relativa autonomia e domínio espacial mais amplo de portadores de patrimônios materiais e simbólicos mais avantajados, ou, ou, ou ... - as descrições são tão amplas quanto permite a permutação entre todos os assuntos incluídos nessas interseções.

Ao focar a moradia e a reprodução social foi possível identificar processos sociais que afetam de uma forma particular a juventude. Estes processos são mediados por uma situação concreta de localização espacial que informa as práticas e os universos simbólicos relacionados com classes e a formação de redes sociais que contribuem para a aquisição de habilidades e conhecimentos. Em cada interseção listada acima, percebem-se processos sociais que, por si mesmos, merecem investigação independente para a compreensão da construção social da juventude. Mesmo que se reconheça a contribuição das abordagens que historicamente têm enfatizado problemas sociais, mecanismos integrativos e programas e instituições de controle, este estudo, ao englobar uma diversidade de processos numa abordagem etnográfica e demográfica, a partir de espaços de moradia e convivência específicos, contribui para reforçar a atual ênfase em direcionar a compreensão da juventude através da valorização de realidades particulares vividas em contextos mais amplos de poder.

Referências

ABEP. 1984. *Censos.consensos, contra-sensos*. Ouro Preto: ABEP.

ABRAMO, Helena Wendel. 1994. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Página Aberta.

_____. 1997. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, p.25-36, maio-dez. Número especial (Juventude e contemporaneidade).

ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de; SPÓSITO, Marília P. (Org.). 2000. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez.

- ALVIM, Rosilene. 1997. *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia.
- _____. 2000. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Org.). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa; Gestão Comunitária - Instituto de Investigação e Ação Social.
- _____. 2002. Olhares sobre a juventude. *Comunicações do fSER*, ano 21, p. 44-61. Edição Especial.
- ARAÚJO, Kátia Medeiros de. 1994. *Família e espaço público: organização doméstica e conflito na reprodução de grupos pertencentes às camadas médias recifenses*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. A 'juventude' é apenas uma palavra. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- _____. 1986. De quoi parle-t-on quand on parle de "problème de la jeunesse"? In: PROUS, François (Coord.). *Les jeunes et les autres*. Vaucresson: CRIV.
- BOTT, Elizabeth. 1976. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- CABRAL, Cristiane S. 2002. Gravidez na adolescência e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 2, p.179-208.
- CASTRO, Mary Garcia. 2002. Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 1, p. 5-28, jan.-jul.
- CECCHETTO, Fátima Regina. 1998. Galeras funk cariocas: os bailes e a construção do ethos gerreiro. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Org.) *Um século defavela*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.
1998a. *Os jovens no Brasil: diagnóstico nacional*. Brasília: CNPD.
_____. 1998b. *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD. 2 v.
- COSTA, Maria Luiza B. de Mello P. da. 1983. *Família de pobre/família de*

- rico/família de jovem/família de velho*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- DUARTE, Luiz Fernando D. 1988. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; CNPq.
- FEIXA, Caries. 1998. *El reloj de arena: culturas juveniles en México*. México: Causa Joven, Centro de Investigación y Estudios sobre la Juventud.
- FONSECA, Cláudia. 2000. *Familia, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Ed. Universidade! UFRGS.
- FORACCHI, Marialice M. 1972. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Edusp.
- FRANCH, Mônica. 2000. *Tardes ao léu: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- _____. 2001. *Mente ociosa, oficina do diabo: reflexões sobre as agências juvenis numa comunidade de baixa renda no Recife*. *Revista de Antropologia* (pPGNUFPE), Recife, v. 13, p. 595-607.
- _____. 2002a. *Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife*. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n. 2, p. 117-134, jul.dez.
- _____. 2002b. *Vai ter festa hoje? Um estudo sobre comemorações de final de semana entre jovens da periferia da cidade de Recife*. *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social* (UFRJ), v.1, n. 7, p.102-121, 2º sem.
- _____; DALSGAARD, Anne-Line, 2003. *Desenhando a vida: um estudo sobre trajetórias biográficas de homens jovens das camadas populares do Grande Recife*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 2. / SEMINÁRIO NORTEINORDESTE HOMENS, SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO, 1.: *Tempos, práticas e vozes*, Recife.
- _____; GOUGH, Kate. 2003. *O espaço doméstico na vivência juvenil: um estudo com jovens das camadas populares do Recife*. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE-NORDESTE, 11., Aracaju.
- FRITH, Simon. 1984. *The sociology of youth*. Cornwell: Causeway Books.

HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony. 1996. *Resistance through rituals*: youth subcultures in post-war Britain. London; New York: Routledge.

HEILBORN, Maria Luiza. 1984. *Conversa de portão*: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HEILBORN, Maria Luiza. 1997. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher*: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos.

HERSCHMANN, Micael. 2000. *Ofunk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. 2000. *Síntese de Indicadores sociais: 1992-1999*. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. 2003. *Censo Demográfico 2000*: migrações e deslocamentos, resultados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE.

_____. 2002. *Observatório*. Programa de Geografia da UFPE. CD-ROM.

LIRA, Paula Vasconcelos. 2000. *Uma antena parabólica enfiada na lama*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LONGHI, Márcia Reis. 2002. *Os Jovens e a Cidade*: a informática e os jovens. Relatório final de pesquisa para o projeto "Os Jovens e a Cidade: habilidades, conhecimento e reprodução social". (mimeo).

LOPES, Andiara Valentina de Freitas. 2000. *A colméia urbana*: relações de vizinhança em apartamentos no Recife. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MADEIRA, Felícia Reicher. 1998. Recado dos jovens: mais qualificação. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD.

MACHADO, Nínive Fonseca. 2003. *Do matadouro ao nascedouro*: a criação de novos espaços de participação juvenil. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MAGNANI, I. G. C. 1998. *Festa no pedaço*: cultura popular e lazer na cidade.

2. 00. São Paulo: Hucitec; Unesp.

MARTÍN CRIADO, Enrique. 1998. *Producir la juventud: crítica a la sociología de la juventud*. Madrid: Istmo.

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael. 2001. *Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil: classificação e evolução de 1977 a 1998*. Brasília: IPEA.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. 1999. *Fala galera: juventude, violência e cidadania*. Rio de Janeiro: Garamond.

MONTEIRO, Tânia Maria. 1988. *Passagem & Juventude: um estudo de rituais femininos em camadas de baixa renda*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

MOTTA, Roberto; SCOTT, R. Parry. 1983. *Sobrevivência e fontes de renda: estratégias das famílias de baixa renda no Recife*. Recife: Sudene; Massangana.

OVAES, Regina. 2003. Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em curso. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). *Políticas Públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação; Fundação Friedrich Ebert.

PAIS, José Machado. 1993. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PORTELLA, Ana Paula. 2002. *Gênero e sexualidade entre jovens do Recife*. Recife: SOS CORPO, Gênero e Cidadania. (no prelo).

RODRIGUES, Madiana. 2002. *A profissionalização em construção: prática dos estágios vista através da análise de órgãos oficiais de ensino, de medidas legais e dos adolescentes que fazem estágios*. Relatório final de pesquisa para o projeto "Os Jovens e a Cidade: habilidades, conhecimento e reprodução social". (mimeo).

SARTI, Cynthia Andersen. 1996. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados.

SCHWARZ, Ana Graciela. 2002. *Entrar e sair da tela: uma viagem imóvel*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

- SCOTT, R. Parry, 1983. Unidades domésticas e migrações: algumas proposições sobre a organização doméstica dos trabalhadores rurais do Nordeste brasileiro. *Cadernos CER U*, i, 1a série, maio, p.187-205.
- _____. 1986. Migrações interregionais e estratégia doméstica. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v.3, n.1, p. 101-106, jan.-jul..
- _____. 1988. Estratégias familiares de emigração e retomo no Nordeste. *Revista Travessia*, n.1, p. 23-27, maio.
- SCOTT, R. Parry, 1989. Gênero, desigualdades sociais e família no Nordeste. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 11., Águas de São Pedro. (mimeo).
- _____. 1990. O Homem na matrifocalidade: gênero, percepções e experiência do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 73, p. 38-47, maio.
- _____. 1996. *Saúde e pobreza no Recife: poder, gênero e representação de doenças no bairro do Ibura*. Recife: Editora Universitária UFPE-JICA.
- _____. 1997. A etnografia da família de camadas médias e de pobres urbanos: trabalho, poder e a inversão do público e do privado. *Anthropologicas*, v. 1, n. 2, p. 121-154.
- _____. 2001. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital? *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, v. 5, n. 8, p. 61-62.
- _____. 2002. Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e a problematização da saúde reprodutiva. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Antropologia. saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- SOUTO-MAIOR, Heraldo. 1992. Famílias conviventes no Brasil e no Nordeste: uma análise comparativa dos censos de 1970 e 1980. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 16., Caxambu, MG.
- SPOSITO, Marília Pontes. 1994. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo social (Revista de Sociologia da USP)*, v. 5, n. 1, p. 161-178, nov.
- VELHO, Gilberto. 1978. *A utopia urbana: um estudo de antropologia social*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- VIANA, Hermano. 1988. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. {Org.}. 1997. *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

WULFF, Helena 1995. Introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities. In: _____; AMIT-TALAI, Vered (Ed.). *Youth cultures: a cross-cultural perspective*. London; New York: Routledge.

ZALUAR, Alba. 1994a. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan; Ed. UFRJ.

_____. 1994b. *Gangues, galeras e quadrilhas: globalização, juventude e violência*. São Paulo: Escuta; Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

_____. Cidadãos não vão ao paraíso. In: VIANA, Hermano. *O mundo Junk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar.